

entrevistas



Não sei se vou ou se fico...

“Me chamo Arthur*, tenho 41 anos, sou natural de Belo Horizonte. Cheguei aos Estados Unidos em 1997, depois de meu negócio ter falido no Brasil. Eu tinha uma rede de mercados, cerca de seis estabelecimentos de pequeno porte.

Como todo mundo sabe, quando se chega aqui a gente faz de tudo. E comigo, claro, não foi diferente. Minha sorte foram os contatos, os conhecidos. Através de um deles consegui o emprego que tenho hoje e que considero bom. Trabalho em companhias que fazem asfalto e manutenção de estradas, pontes, túneis, etc. Sou sindicalizado. Ganho cerca de U\$30 dólares por hora, dependendo do trabalho, e tenho direitos de um cidadão americano, apesar de ainda não ser, infelizmente.

Durante os primeiros anos em que vivi nos Estados Unidos, me casei e tive filhos aqui. Eles são americanos.

Em 2002, já há cinco anos sem ver meus familiares, resolvi ir ao Brasil. Fui com a cara e a coragem. Mas, na hora em que voltei, fui deportado ainda no aeroporto.

Eu precisava voltar. Minha família e meu emprego estavam aqui. Eu também havia recém comprado uma casa, enfim, eu tinha que entrar aqui de qualquer jeito. A minha única opção era entrar no país pelo México.

Até atravessar a fronteira tiveram alguns percalços, mas o inferno começou mesmo depois dessa etapa. Quando o grupo de pessoas do qual eu fazia parte ficou trancado em um micro apartamento em Dallas- TX, por uma semana, sem poder

sair. Literalmente um sequestro em massa. Todo mundo mantido em cativeiro, sem poder sair e se revezando para dormir porque o espaço era pequeno.

A situação se tornou insuportável e, depois de duas tentativas mal-sucedidas eu consegui fugir. Conte com a ajuda de um casal de americanos para sair da cidade. Eu disse à eles que morava em New Jersey e que estava passando as férias em Dallas, e que havia sido assaltado.

Voltei ao meu trabalho e à minha família e, desde então, não fui mais ao Brasil e não sei qual será o meu futuro.

Embora eu já esteja vivendo aqui há mais de 8 anos, eu ainda alimento o sonho de voltar ao Brasil. Ao longo deste tempo também adquiri um sítio e uma casa no Brasil, pensando no meu regresso, claro. Eu gostaria de poder continuar trabalhar aqui e viver lá. Tem muita gente que faz isso, trabalha no verão aqui e quando chega o inverno vai ao Brasil, viver no verão de lá. Isso sim é que é bom. Viver só de verão, juntando o que os Estados Unidos tem de bom, que é o trabalho, com o que o Brasil tem de melhor, a qualidade de vida.

Quero me tornar cidadão norte-americano para poder trabalhar legalmente e poder entrar e sair do país. Eu pago impostos e contribuo com os Estados Unidos, apesar de ser considerado “ilegal”. Aliás, não precisava necessariamente ser cidadão, bastava ser legalizado. Eu quero trabalhar sem medo”.

*Nome fictício.

Vim para ficar!

“Eu não me mudei para os EUA em busca do “sonho americano”. Até porque, naquela época, eu nem sabia da existência deste conceito. Eu vim viver aqui, e executar tudo o que isso representa. Eu gosto do estilo de vida, gosto de poder conhecer pessoas do mundo todo, com culturas riquíssimas, e ter opções de entretenimento cultural diversificadas. Após chegar nos EUA, minha primeira e maior dificuldade foi a língua. Meu primeiro objetivo foi aprender inglês, eu queria me comunicar, ser independente, poder andar nas ruas e entender o que as pessoas me diziam, fazer parte desta sociedade. O ponto mais importante é que eu admiro a forma como as pessoas que vivem nos EUA hoje batalham pelo que elas querem. O lado profissional é valorizado, as pessoas procuram construir seu intelecto. Eu quero aprender sempre, e este é o ambiente ideal para mim. De nenhuma forma eu nego a minha origem. Apesar de minha família viver no Canadá, eu ainda incorporo o estilo brasileiro no meu dia-a-dia, combino com os valores americanos que considero

imagem de que o imigrante também é gente, e não uma pessoa que apenas abusa e suga da economia.”

*Daniele Martin, vive nos EUA há oito anos, e já aplicou para a cidadania. Martin realizará o teste do Immigration e Naturalization Services no dia 5 de julho.

“Minha família saiu de Campinas, no interior de São Paulo, quando meu marido foi fazer um curso de doutorado em Engenharia Agrícola no Canadá. Após a conclusão deste curso, ele recebeu uma proposta para trabalhar como pesquisador na Universidade da Califórnia, no campus da cidade de Davis. Foi neste momento eu soube que não voltaria mais a morar no Brasil. Quando chegamos na Califórnia, tudo foi mais fácil. Nós já tínhamos passado pela fase de aprender inglês, enquanto estávamos no Canadá. E ficamos extremamente felizes com o clima, muito melhor do que o de lá. A vibração em Davis é muito boa, as pessoas são educadas e te comprimentam pelas ruas. As maiores dificuldades que vivemos foi com a adaptação do meu filho. Na época,

cursando o colegial, meu filho sentiu a mudança, sentiu falta dos amigos e de tudo que ele conhecia. Nós vivíamos com a extensão do visto de trabalho escolar do meu marido, e isso significava algumas limitações para conseguir emprego. Em dois anos, nós aplicamos para o green-card e tudo mudou. Eu voltei a trabalhar com jornalismo online e hoje sou web-developer dentro da própria UC Davis. Davis é uma cidade universitária que oferece muitas opções culturais e, por isso, atrai pessoas que outras cidades. Nós nos adaptamos tão bem aqui, que hoje, não



importante, criando, assim, uma vida que incorpora o que eu acredito ser o melhor das duas culturas. Eu nunca me senti discriminada, e eu acredito que isso é pela forma como eu encaro as coisas. Não fico procurando discriminação. Eu sei que eu faço parte deste mundo. E faço parte também porque este país me proporciona a independência. Antes mesmo de me mudar na universidade eu já tinha um emprego que me dava a oportunidade de morar sozinha, pagar pelos meus estudos e meus gastos do dia-a-dia. Isso é que é importante para mim, a minha liberdade. Meu maior sonho é continuar crescendo, aprendendo e evoluindo como profissional e como ser humano. Já que eu estou aqui e este é o local que eu escolhi para viver, eu quero ter todos os direitos e deveres que qualquer outra pessoa. Quero contribuir para a

sentimos mais saudade do Brasil. Mesmo assim, eu mantenho um site ‘Brasil in Davis’, que procura reunir e ajudar brasileiros que estão de passagem por aqui, estudantes e moradores e dividir informações e exercitar nossa brasilidade. O fato de eu não ir ao Brasil todos os anos, não significa que eu nego minha cultura. Pelo contrário, aprecio a riqueza do brasileiro, mas eu e minha família construímos nossa vida em um local que tem mais a ver com a nossa personalidade. Em breve, eu pretendo aplicar para a cidadania, eu quero exercer todos meus direitos, e o mais importante deles, que é votar.”

*Fernanda Guimarães Rosa, é jornalista e trabalha como web developer para a Universidade da Califórnia, em Davis, Ca. Rosa vive nos EUA há nove anos, e deve aplicar para a cidadania em breve.